SILVA, Hélio R. S. Certas cariocas - Arenas do Rio: Travestis e vida de rua no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume - Dumará: Prefeitura, 1996. (118p)

Maria de Fátima Lima Santos ¹

Historiador, antropólogo e doutor em Comunicação Social, Hélio Silva vem desenvolvendo estudos cujo enfoque são fenômenos no contexto urbano. Uma de suas análises tem sido o fenômeno do transvestitismo na nossa sociedade. Através de um olhar inovador o pesquisador desenvolve uma releitura e reinterpretação do fenômeno. Compõe um texto inusitado cujo estilo etnográfico apresenta traços literários, configurando uma abordagem interpretativa do objeto estudado.

O foco do livro são "Certas cariocas", ou melhor travestis que se prostituem no Rio de Janeiro. A vida de rua é o espaço privilegiado para análise dos atores sociais. Constitui outro objetivo do livro retomar trabalho anterior do autor sobre travestis². O livro possui dois sentidos, ou múltiplos sentidos se assim preferirem: retoma o olhar sobre o ethos travesti carioca a partir do que já fora registrado, apontando outras possíveis análises. O pós - campo é o lugar onde tal exercício é realizado suscitando debate em torno da experiência etnográfica e dos seus fins.

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

² SILVA, Hélio R. S. **Travestis: a invenção do feminino.** Rio de Janeiro: Relume - Dumará / ISER, 1993.

Enquanto narrador, o autor considera duas dimensões básicas: o caráter leigo - no sentido em que se inclina na observação do transvestitismo; e o caráter de especialista - quando se inclina para análise de questões mais específicas. A dimensão científica do etnógrafo coexiste com o cidadão curioso e sensível aos fenômenos sociais. Autor e pessoa (indissociáveis) materializam-se no texto.

O ponto de partida para reflexão é o ethos carioca onde o jogo do bicho, o futebol, a umbanda, os meninos de rua, os travestis, entre outras expressões, revelam o lado paradoxal do contexto urbano no Rio de Janeiro. Esses elementos, apesar das singularidades que encerram, na análise do autor, comungam de um mesmo universo moral.

É esse universo que, "por decorrência", reflete a construção dos papéis em nossa sociedade, onde a ambigüidade, a desordenação e a invenção dos nossos papéis, longe de ser um transtorno, representa um motivo de orgulho, um reconhecimento de uma certa identidade, uma piada. É no limite das construções sociais dos papéis que o fenômeno do transvestitismo reside; delimitado num certo contexto cultural e suas especificidades.

O conceito de extravio é trabalhado no sentido de evidenciar a possibilidade do alargamento dos papéis, sem necessariamente excluir os indivíduos do contexto social. Essa possibilidade encontra sua maior expressão na desvinculação dos papéis do determinismo biológico.

Uma outra análise pertinente é a contraposição entre o que o autor denomina travesti atual e o travesti histórico. Esse - o travesti histórico - caracterizou-se por um estilo carnavalesco, o ar de mistério e uma dramatização restrita aos pequenos grupos de convivência. Teatralizava para si mesmo numa metáfora ao espelho. O travesti atual, ao contrário, emerge como um novo ator social. Suas principais características são o desvelamento de si mesmo, sua publicização e interação com outros agentes sociais. Essa transformação é colocada no processo histórico e nas mudanças culturais vivenciadas pela sociedade brasileira nas três últimas décadas.

Ao contrário de muitos trabalhos que lêem o transvestitismo somente pela óptica da homossexualidade, Hélio Silva o lê também através do processo feminista onde, independente da faceta política que assumia, caracteriza-se como histórico, cultural e coletivo.

Nos últimos itens temáticos do livro, o autor responde à algumas críticas ao seu trabalho sobre travestis. Desenvolve uma reflexão. Aponta possíveis equívocos das críticas. Propõe outras leituras.

Em seguida relata a volta ao campo após a conclusão do seu trabalho de pesquisa. O bairro da Lapa passa a ser novamente o cenário principal. Na sua revisita muitos personagens etnografados não vivem mais. Foram levados pela “maldita” - a AIDS - triste realidade que cerca também o universo travesti. Essa evidência o faz refletir, ao estilo de Clifford Geertz, que o registro etnográfico é o que confere vida aos personagens, independente da sua existência concreta.

Por fim “Outros figurinos: informações do compilador”, último item oferece um passeio sobre as possibilidades de perceber e discutir transvestitismo. Desde os seios expostos publicamente na dublagem de uma caloura no programa de auditório em Santa Catarina, passando por Joana D’Arc, Madame Butterfly, Oscar Wilde, Divine, Coelho Neto, Virgínia Woolf, entre outros percebe-se que o tema extrapola a academia, diluindo-se no corpo social.

Como propõe o autor seu livro atinge também o público leigo, o que não isenta a valiosa contribuição para o cientista social. Para um bom pesquisador - imprescindível, pois permite discutir como os papéis tem sido construído e as possibilidades de relativização. Para um bom leitor - recomendável, pois restitui a dimensão humana do outro.